



TOCANTINENSE - UM POVO SEM IDENTIDADE CULTURAL?

Belgna Ribeiro Ramos
Instituto de Estudos Sócio-Ambientais – UFG.
belgna@hotmail.com

Falar de identidade cultural na Geografia, não é fácil. Afinal, o que seria uma Identidade cultural no século XXI, quando está ocorrendo todo um processo globalizado ou mundializado?

Com a globalização econômica esperava-se uma homogeneização das culturas, que seria uma “mistura” entre os povos. O que não ocorreu na prática, pois ao invés das culturas se misturarem, as comunidades tem tentado se protegerem e preservar a sua identidade cultural, ou seja, o ser humano não consegue viver sem seus laços com o passado, com suas raízes, mostrando que ele precisa de seu espaço sócio-cultural, precisa de sua identificação.

Como diz Iná Elias de Castro (1992), a diferenciação espacial define-se na identidade que se realiza nas relações homem/meio, em seu nível mais elementar. Assim, a relação do homem com o espaço que o cerca pode ser interpretada como um arquétipo, como um elemento essencial da estrutura psicológica do indivíduo.

O ser humano estabelece uma relação de afetividade com o meio em que vive, e acaba criando raízes. “O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir”.(WEIL, 1996, *apud* EL KADI).

O indivíduo cria laços com seu espaço vivido, e começa a delimitar o seu território. (Santos, 2001), “ o território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais, espirituais e da vida sobre os quais ele influi”.

Para o prof. Noé Sandes, a arte e a cultura são eternas, assim como a busca por sua identidade cultural. Então todos têm uma base cultural mesmo sem ser reconhecida? Foi a partir desse pressuposto que resolvi falar da identidade cultural do Estado do Tocantins. Um Estado que fez 15 anos no dia 05 de Outubro/03. E como diz Liberato Póvoa (1996), o homem tocaninense, notadamente do interior, é por excelência, um sábio.- o tocaninense trouxe como legado de seus antepassados, um falar todo seu, que por ora facilita, ora complica o entendimento de seu interlocutor.

Para Rogério Haesbaert, se a identidade de um indivíduo é dificilmente encontrada, uma identidade mais ampla, envolvendo um grupo de indivíduos ou mesmo uma “cultura” ou “civilização”, pode ser uma temeridade.

Toda identificação regional ou territorial necessita de um símbolo, por isso, Haesbaert diz que todo recorte espacial/territorial mais concreto tem seu sentido reelaborado. A transposição simbólica de sua “escala de ação”. Não ocorre sem perdas, mudanças e mesmo barganhas com outras identidades.

Atualmente no Tocantins está ocorrendo um grande fluxo migratório de gaúchos, catarinenses e paranaenses, que são atraídos para o Estado pela política de incentivos fiscais e financiamentos para a implantação de vários projetos no setor agropecuário.

Iná Elias de Castro afirma que o poder público pode inibir ou estimular identidades regionais, assim como forjá-las.



Percebemos que no Estado do Tocantins, desde sua criação, há um poder político centralizador que não quer abrir mão dos seus interesses, e ainda tenta a qualquer custo, forjar uma identidade cultural ao tocaninense.

Haesbaert diz que “uma região é definida por critérios político-administrativos, pode ser uma escala diferente daquela região de vivência (ou de identidade)”.

Portanto, no Tocantins, essa identidade já existe e parece não agradar à elite dominante. Essa elite tem tentado usar uma “coerção” cultural, ou seja, criando alguns símbolos e utilizando a mídia para fazer um trabalho de convencimento, fazendo com que o tocaninense assimile uma nova cultura, adequada aos seus interesses.

Pedro Demo (1996), diz que a desagregação das identidades culturais, através dos meios de comunicação, da pressão política, da invasão de padrões externos, contribui para enfraquecer um povo, levando-os a consolidar posições de dependência e de subalternidade.

O povo tocaninense ainda não se deu conta do que está acontecendo com esse processo de imposição cultural, estão apáticos, e essa apatia está favorecendo a elite dominante que cada dia está mais forte com os símbolos impostos.

Com a criação do Estado do Tocantins, em 1988*, o primeiro governador, José Wilson Siqueira Campos, sentiu que para ganhar notoriedade e divulgar o “novo” Estado, e atrair investimentos, teria de criar símbolos para identificar o Estado. Criou o girassol[†] (*Helianthus annuus*) como o símbolo da capital, Palmas, e fez uma propaganda tão maciça, que fez parecer que esta flor é o símbolo do Estado. A Bandeira, que também tem o sol como símbolo, e ainda atribuiu o lema “Tocantins, um lugar que o sol é para todos”. No Brasão, tem uma frase em tupi-guarani que diz: *CO YVY ORE RETAMA*, que significa “Essa Terra é Nossa”.

Ele constrói Palmas, forjando-a como a capital ecológica e do conhecimento. Em discurso que fez na Assembléia Legislativa do Tocantins, em 05/02/1991, diz: “Palmas deu ao tocaninense, de forma robusta e de indescritível beleza, a sua identidade definitiva”.

No dia 02 de Setembro de 2003, aconteceu o primeiro festival SESI de teatro, no Theatro Fernanda Montenegro, em Palmas, onde ocorreram vários espetáculos ditos regionais, dos quais dois grupos de Palmas foram os vencedores. Na premiação, durante a entrega dos troféus, o presidente do SESI, o senhor Ronaldo Dimas, disse que o evento teve por objetivo ajudar o povo tocaninense a encontrar a sua identidade. Nessa afirmação há uma dualidade; Se Palmas e o girassol já compõe a identificação cultural do tocaninense, por quê então, eles têm de encontrar sua identidade?

Em 05 de Outubro foi comemorado o aniversário da criação do Estado do Tocantins. Para a festa de comemoração, o governo estadual e outras entidades, promoveram vários eventos nas cidades e principalmente em Palmas, a capital.

Em toda programação divulgada através da imprensa (Jornal do Tocantins), uma constante foi observada: A palavra “cultura” estava em todos eventos. Desde comemorações em Escolas públicas ou particulares, Faculdades, o discurso foi o mesmo: A Busca cultural do

* O art.13 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias estabelecia: “É criado o Estado do Tocantins, pelo desmembramento da área descrita neste artigo, dando-se a sua instalação no quadragésimo sexto dia após a eleição prevista no artigo 3*, mas não antes de 1* e janeiro de 1989.

[†] Girassol (*Helianthus annuus*), significa “flor do sol”, o que explica sua imponência e porte majestoso. (Rose Aiello).



Tocantins, o Resgate da cultura tocantinense. Mas, afinal, o que o tocantinense fez de sua cultural?

Durante a luta separatista, o escritor Bernardo Élis (segundo Cavalcante, 1999), que era contra a separação do Estado, disse que argumentos como “diversidade cultural ou de hábitos, usos e costumes” não era um motivo relevante, pois segundo ele, não existe “comunidade homogênea em parte alguma.”

Em carta aberta, um representante da região norte, que defendia a diferença cultural como um dos principais problemas do norte, disse ao escritor que não tinha nada em comum com as coisas do sul e que a capital, Goiânia, não dizia nada para o povo do norte, ela só os sufocava em todos sentidos.

Se o tocantinense não tem identificação cultural com Goiás, então onde está a sua identificação?

Póvoa (1996), diz que o tocantinense é de raízes predominantemente nordestina, em geral, maranhenses, piauienses e baianos. Ressalta ainda uma simbologia, dizendo que o tocantinense é chamado de “oreia seca”.

Talvez isso seja uma forma de igualar o tocantinense ao nordestino, que normalmente é chamado de “pé rachado”, “cabeça chata”, termo utilizado de forma pejorativa para caracterizar a população pobre. O autor é tocantinense, e faz parte da elite cultural do Tocantins.

O Estado tem suas festas populares, Sússia e Catira de Natividade, a Jiquitaia de Almas, herdada da cultura negra, Cavalhadas de Taguatinga, a Caçada da rainha, de Monte do Carmo, Kupré dos índios Xerentes, festa de Hetoroky (lê-se retorokã), dos índios Karajás e Javaés, da ilha do Bananal.

Também tem um artesanato expressivo e rico. O mais conhecido é feito com capim dourado do Jalapão, uma espécie de capim dourado quando maduro e é usado pelos artesãos para fazer vários adereços, como bolsas, chapéus, braceletes, e uma variedade de untesílios.

Mas com exceção do artesanato, que é de origem indígena, ou melhor, é indígena, e algumas festas, os hábitos alimentares do tocantinense são ofuscados pelo poder central. Como o governo do Estado vende uma imagem de modernidade, oportunidade para todos, um Estado do Terceiro Milênio o fato do povo tocantinense comer farinha de puba, e outros pratos de derivados da mandioca como o beijú, não é interessante para a elite mostrar os hábitos considerados de povo “nativo”, “primitivo”, “atrasado”, e por isso, tenta forjar uma nova cultura para o Estado.

Recentemente descobriram o artesanato feito com o capim dourado (*Singonanthus sp*), um tipo de capim próprio do Jalapão, que é feito pelos artesões locais, mas que foi ensinado pelos índios Xerentes. Este artesanato está sendo comercializado pelas ONGS, vendido para o Brasil e o estrangeiro, via internet, por empresários e pessoas que conheceram e passaram a comprar da comunidade para revender nos grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro. Mas em nenhum momento falam que é de origem indígena, os índios sequer são mencionados. No ano de 2000, o governo do estado do Tocantins, através da Secretaria de Cultura (Naturatins) e a Fundação Cultural de Artesanato e arte indígena, promoveram uma oficina com os artesãos do Jalapão* e um *designer* de São Paulo, que veio especialmente para

* O Jalapão é uma região que fica ao leste do Tocantins. Tem importância por causa da sua biodiversidade. Predomina o capim dourado. Está sendo explorado ultimamente pelo turismo “ecológico.”



lhes ensinar a técnica de produção para comercialização dos produtos feitos com o capim dourado, fazendo com isso, que se crie um industriato, ao invés do artesanato original.

José de Souza Martins (apud Damiani, 1998), fala do processo de “emancipação” do índio no Brasil realizado pelo Estado, como uma forma de homogeneizá-lo social, cultural e politicamente aprofundando o processo de dominação. Os índios são removidos para territórios indistintos, dessacralizando a sua terra e brutalizando-os.

Mas as comunidades indígenas fazem parte da formação cultural do Tocantins, fazem parte da população local, e estão passando por problemas modernos, como os vividos pela população da cidade, a miséria, a fome, e desnutrição infantil (Jornal do Tocantins, 2003).

Falar de identidade cultural tocantinense e esquecer os indígenas é inadmissível, o Tocantins é um Estado que ainda tem a maior população indígena do Brasil, é uma comunidade básica na formação do povo tocantinense. São basicamente cinco comunidades: Krahô, Apinajés, Xerentes, Javaés, Karajás[♦].

Os negros são representados na História do Tocantins raramente e em formas de gravuras em que aparecem diminuídos, mas não são mencionados na formação étnica da população. Falam das festas populares como a congada, a Sússia que é de origem africana, mas não falam que é da cultura negra. Assim como o branco, que só agora aparece na elite, são representados como se fossem de outros lugares, como se não fizessem parte da formação étnica do Tocantins. Seria vergonha para eles se mostrarem como tocantinenses?

Considerações finais:

O povo tocantinense precisa urgentemente mostrar as suas origens, valorizar o que lhe é peculiar, como sua fala, seus hábitos alimentares, ou corre sérios riscos de serem apenas mais um povo que se deixou invadir, não resistindo ao invasor. E no caso do tocantinense, ainda é mais grave, pois sequer sua cultura foi conhecida.

O tocantinense tem toda uma história especial, hábitos alimentares originais. Ele pode pensar em mostrar sua identidade cultural a partir de seus pratos “exóticos”: por quê não servir simberaba de buriti, murici, bacaba com farinha, bolo de puba, cuscuz de arroz. É original, saboroso e bonito.

Quando o povo tomar a iniciativa de mostrar a sua cultura, não se deixar ofuscar pela elite dominante, ele crescerá e aparecerá fazendo com que a própria elite assimile e valorize ou pelo menos respeite também esse tesouro cultural, sentindo orgulho de ser tocantinense.

Juraíldes da Cruz, cantor e compositor tocantinense tem uma canção que fala justamente dessa dominação cultural e nos dá um exemplo de como nos deixamos influenciar por outras culturas.

“Se farinha fosse americana, mandioca importada”.
Banquete de bacana era farinha”.
(Nóis é jeca mais é jóia, 1990).

É momento de refletirmos sobre nossa própria identidade.

[♦] Essa população indígena não fala tupi-guaranis, suas línguas são: timbira oriental, Jê e Karajás.



Metodologia:

Levantamento bibliográfico, com leitura de historiadores, escritores locais e regionais, revistas, jornais regionais, consultas a sites e acervo pessoal.

Referências bibliográficas:

CASTRO, Iná Elias de- **O Mito da necessidade: Discurso e prática do Regionalismo nordestino**

Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa

Tocantins- O movimento separatista do Norte de Goiás,1821-1988-São Paulo: A .Garibaldi, Ed. UCG, 1999.

DAMIANI, Amélia Luisa,

População e Geografia-4ºed.-São Paulo:Contexto,1998-(Caminhos da Geografia).

DEMO, Pedro, 1941- **Pobreza política**-5º ed. Campinas, SP. Autores Associados, 1996-(Coleção polêmicas do nosso tempo; v.27

EL KADI, Nágila Ibrahim, - **Voltar às Raízes.**

Fragm.cult.Goiânia, v.12 n.2 p.303-306 mar/abr/2002.

HAESBAERT, Rogério, - **Manifestações da cultura no espaço**/Organizadores:

Zeny Rosendahl, Roberto Lobato Corrêa

Rio de Janeiro- Ed. UERJ,1999-(Série Geografia Cultural)

-----, **Território, poesia e identidade,**

Espaço e Cultura n.3, Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 1996. P.

PÓVOA, Liberato, - **História Didática do Tocantins**/Liberato Póvoa: Kelps, 1999.

-----, **Dicionário Tocantinense de Termos e Expressões Afins**,1º ed.

Cartográfica do Tocantins, 1997

SANTOS, Milton, - **Por uma outra globalização: do pensamento único á consciência universal**-6º ed.- Rio de Janeiro: Record,2001

PERIÓDICOS

JORNAIS

Jornal do Tocantins, Palmas, 03 de setembro a 10 de Outubro de 2003.

REVISTAS

Revista da Adufg n.08

1º Amostra Multicultural Milton Santos Adufg p. 22-25

Problemas Brasileiros, mar/abr/2003.

SITES:

➤ <http://www.ogirassol.com.br/ed.especiais/14anos-> acesso: 17/09/2003

➤ <http://www.fieto.com.br/publicacoes/fieto/714> - acesso: 17/09/2003



- <http://www2.Jornaldotocantins.com.br/antiores/22agosto2003/artevida/1htm>–acesso: 17/09/2003
- <http://www.cidadedoconhecimento.com.br/depoimento.php?.depoimento=198>–acesso: 17/09/2003
- <http://www.folhapopular.com.br-ed.1096> –acesso:15/10/2003.